

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

COM A LINHA DE SOMBRA

11 DE MARÇO DE 2022

A HISTÓRIA DA ETERNIDADE / 2014

Um filme de Camilo Cavalcante

Realização: Camilo Cavalcante / Argumento: Camilo Cavalcante / Fotografia: Beto Martins / Montagem: Vânia Debs / Direção Artística: Julia Tieman / Cenografia: Diogo Balbino / Guarda-roupa: Paulo Ricardo / Som direto: Nicolas Hallet, Simone Dourado / Som: Miriam Biderman, Ricardo Reis / Música: Zbigniew Preisner, Dominginhos / Interpretação: Marcelia Cartaxo (Querência), Leonardo França (Cego Aderaldo), Débora Ingrid (Alfonsina), Claudio Jaborandy (Nataniel), Zezita Matos (Dona das Dores), Maxuell Nascimento (Geraldo), Irandhir Santos (João)

Produção: Aurora Cinema, República Pureza / Produtores: Camilo Cavalcanti, Marcello Ludwig Maia, Stella Zimmerman / Cópia: dcp, cores, versão original em português, 120 minutos / Estreia: Festival Internacional de Cinema de Roterdão, Holanda, Janeiro de 2014 / Primeira exibição na Cinemateca

Sessão com apresentação de Camilo Cavalcante

A HISTÓRIA DA ETERNIDADE, primeira longa metragem de Camilo Cavalcante, aborda um corpo temático que o realizador pernambucano tem vindo a explorar nas inúmeras curtas-metragens que fez ao longo da sua carreira, e que ocupa já um significativo espaço na história do cinema brasileiro, relacionado com o universo do Sertão enquanto palco para os conflitos do espírito humano. Concebido ao longo de 10 anos, tem a sua origem na curta-metragem homónima, um exercício visceral, num falso plano de sequência, que atravessa a ideia de homem ocidental e a sua capacidade para a criação e para a destruição. Numa abordagem, aqui, mais linear, a semiárida paisagem do Sertão estabelece as condições e os limites para que a pequena comunidade de um vilarejo isolado se transforme num conto arquetípico, em que personagens, *mise-en-scène* e *décor* ocupam em toda a sua extensão um lugar próprio no universo simbólico em que Cavalcante nos insere, elevando o microcosmos da aldeia a uma universalização alegórica dos movimentos do mundo e a uma poética da resistência fundada na inultrapassável relação do ser humano com o seu destino.

A história é anunciada sob os signos do tempo, que é aqui explorado de forma fundamentalmente representacional, toma desde o início os contornos de um desfecho: nas primeiras imagens as imagens de uma ave tombar e de um funeral de uma criança, simbolizam o futuro perdido da população do vilarejo nordestino. Uma comunidade cativa e resignada no espaço árido e seco do deserto e no tempo da tradição dão o mote para que Cavalcante possa colocar uma questão intemporal: onde reside o poder da liberdade e do amor num mundo governado pelas tirânicas contingências da terra?

Esta questão é explorada na representação de diferentes ciclos da vida, através da ligação entre três mulheres sufocadas por desejos impossíveis: a adolescente Alfonsina (Débora Ingrid), que sonha ver o mar, Querência (Marcelia Cartaxo) que perdeu o filho e consequentemente a vontade de viver, e Dona das Dores (Zezita Matos), que vê no neto, que retornou de S. Paulo, uma retornar ao passado e a possibilidade de refazer os laços familiares perdidos na distância. O amor é por elas movimentado em todas as ações, não só pelo desejo de libertação, mas também pelos sacrifícios a que se propõem, ao trabalho "secreto" que empenham no apoio a toda aldeia e aos homens representam o peso da brutalidade da vida.

Os três capítulos que estruturam a narrativa, "pé-de-galinha", "pé-de-bode" e "pé-de-urubu", lembrando que o pé representa os resquícios de carne que a que a população pobre tem acesso, configuram uma exploração do tema da fome que está, no filme, em direta associação com o desejo (é de notar que, nas inúmeras sequências passadas à mesa, Alfonsina e Dona das Dores estão sempre presentes, mas nunca comem), estabelecendo uma relação entre o sacrifício e a vontade que toma contornos tão delicados como particularmente primitivos. À medida que os objetos de desejo se sublimam e transfiguram nos personagens de João (Irândhir Santos) no caso de Alfonsina, ora do neto de Dona das Dores, com quem a senhora ensaia, numa imagem semelhante a uma *Pietà*, o resgate da maternidade, o mar e a tão esperada chuva assumem um símbolo de fertilidade que une a irrigação da terra com a humidade do sexo que, apesar de culminar no trágico desfecho da morte dos dois, configura uma ideia de eterno retorno em relação à qual o olhar partilhado pelas três mulheres nas imagens finais do filme responde ao título do filme: a resistência é, também, uma necessidade eterna.

Cavalcante encontra a redenção na libertação pela arte, pela poesia e pela imaginação. Tal é conseguido através da música do cego Aderaldo (Leonardo França), e da relação de Alfonsina com o tio João, única pessoa que a acompanha nos seus sonhos, no valioso exercício meditativo que a leva a "ver" o mar e nas suas performances. Enquanto a câmara e o mundo giram em volta das danças de Irândhir Santos, as imagens desligam-se da narrativa e criam uma suspensão mágica na qual a declamação dos versos de Drummond de Andrade e a canção *Fala*, de Ney Matogrosso surgem como momentos de catarse que, ao mesmo tempo, explicitam os horizontes afetivos do filme.

Manuel João Montenegro